

## Turismo e a aproximação das culturas evidenciadas nas práticas de compartilhamento do patrimônio arqueológico

### Tourism - Linking the cultures evidenced in the sharing practices of the archeological heritage

Fabiana Manzato (MANZATO, F.)\* e  
Pedro Paulo Abreu Funari (FUNARI, P. P. A.)\*\*

**RESUMO** - O Dia Mundial do Turismo foi comemorado em 27 de Setembro de 2011 e o tema escolhido pela Organização Mundial de Turismo foi: “*Turismo e a aproximação das culturas*”. Em consonância a este contexto, pretende-se demonstrar que as práticas para o compartilhamento do patrimônio arqueológico através da atividade turística contribuem expressivamente para a aproximação das culturas. Para tanto, elaborou-se este artigo cuja metodologia aplicada está fundamentada no levantamento e análise bibliográfica e, em pesquisas *in situ*. Deste modo, discorre-se sucintamente sobre a constituição do patrimônio arqueológico enquanto legitimador do passado das comunidades e suas especificidades. E finalmente, apresenta-se como resultado, exemplos, estrangeiros e nacionais, de práticas de compartilhamento do patrimônio arqueológico que têm contribuído para aproximação das culturas.

Palavras-chave: Turismo; Arqueologia; Culturas e Compartilhamento do Patrimônio Arqueológico.

**ABSTRACT** - The World Tourism Day was celebrated on September 27<sup>th</sup>, 2011 and the theme chosen by the World Tourism Organization was “*Tourism – Linking Cultures*”. In agreement with this context, this paper intends to demonstrate that the practices for sharing the archaeological heritage through tourism contribute significantly to link cultures. For that, this article was prepared which methodology is based on literature survey and analysis, and *in situ* research. Thus, it is briefly described the constitution of the archaeological heritage while it legitimates the communities and their specificities. And finally, it is presented as result foreign and domestic examples of sharing practices of the archaeological heritage that have contributed to link the cultures.

Key words: Tourism; Archaeology; Culture; Sharing practices of the Archaeological Heritage.

---

\* Graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutoranda em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Endereço para correspondência: Alameda Raul Roldão da Costa, 22, ap. 01 (Vila Betânia). CEP: 12245-484 – São José dos Campos – SP (Brasil). Telefone: (12) 8134-8233. E-mail: fabmanzato@yahoo.com.br

\*\* Graduação em História pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Livre-docente em História na Universidade de Campinas (UNICAMP). Professor Titular e Coordenador do Centro de Estudos Avançados da Universidade de Campinas (UNICAMP). Endereço para correspondência: CEAv - Centro de Estudos Avançados Cidade Universitária "Zeferino Vaz". CEP: 13.083-872 - Campinas (Barão Geraldo) - SP (Brasil). Caixa Postal 6194. Telefone: (19) 3521-5231. E-mail: ppfunari@uol.com.br

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Turismo tem se transformado em um fenômeno de grande importância para a sociedade. Seu fator econômico foi o primeiro a despertar a atenção para esta atividade vista simplesmente como geradora de empregos e renda. Mas atualmente, pensar desta forma é limitar sua real abrangência e os benefícios que ela traz em seus diferentes âmbitos além do econômico, que são: cultural, social e ecológico.

Com ênfase no âmbito cultural, o Turismo “tornou-se o primeiro instrumento da compreensão entre povos” (KRIPPENDORF, 2001, p. 82) e tem sido “tradicionalmente empregado para revalorizar culturas e lograr que as mesmas sejam conhecidas pela humanidade” (ACERENZA, 2000, p. 123). Nesse sentido, a atividade turística cultural conquista cada dia mais espaço entre os viajantes já que seus princípios podem fomentar a integração, o sentimento de pertença, a tolerância, o intercâmbio cultural, a promoção e preservação dos testemunhos do passado, o respeito e a compreensão mútua.

Esses benefícios gerados pela atividade turística e o seu alcance universal não passaram despercebidos pela Organização Mundial de Turismo (OMT), que o consagrou tema do Dia Mundial do Turismo que foi comemorado em 27 de Setembro de 2011: “*Turismo e aproximação das culturas*”. Considera-se a escolha muito propícia para o momento, já que, em tempos de globalização, ainda são presenciadas atrocidades advindas da ignorância de quem não compreende a equidade e beleza da diversidade cultural.

Hoje necessitamos compreender a história do mundo e de pessoas de diferentes culturas e contextos que desenvolveram idéias, instituições e formas de vida diferentes da nossa. Precisamos aprender a viver em um mundo multicultural [...] O conhecimento de diferentes formas de vida, experiências e perspectivas da humanidade no passado ensina sobre outras culturas e outros tempos, permitindo melhor compreender a diversidade, expandindo nossa visão de mundo, e contribuindo em criar cidadãos mais tolerantes, especialmente com grupos excluídos ou minorias étnicas (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2006, p. 172).

A diversidade cultural constitui a identidade de uma nação, ou seja, representa a somatória das partes para a formação do todo. O Brasil, por exemplo, é um país cujo legado cultural foi herdado de populações indígenas, africanas, portuguesas, italianas, entre outras, de forma que atualmente, é impossível criar um estereótipo do brasileiro.

Frente a estas considerações iniciais, propõe-se este artigo, que versa sobre o legado cultural constituído a partir dos vestígios arqueológicos remanescentes das antigas sociedades, enfatizando que as práticas para o compartilhamento do patrimônio arqueológico através da atividade turística contribuem expressivamente para a aproximação das culturas. Para tanto, discorre-se sucintamente sobre a constituição do patrimônio arqueológico enquanto legitimador do passado das comunidades e finalmente, apresentam-se exemplos, estrangeiros e nacionais, de práticas de compartilhamento do patrimônio arqueológico.

## **2 PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E A LEGITIMAÇÃO DO PASSADO**

Os indícios da presença humana representam a materialização do pensar e agir humano das gerações passadas podendo ser constituído por fogueiras, pinturas rupestres, artefatos de pedra ou cerâmica, esculturas, estruturas remanescentes de quilombos, aldeias indígenas, entre outros. E em função de sua excepcional representatividade adquirem a designação de patrimônio sendo, portanto, um bem protegido por lei.

Mas esse legado, nem sempre foi evidenciado como patrimônio legitimador das comunidades envolvidas. Em meados do século XVIII, a ênfase era voltada para os “vestígios materiais das sociedades que estavam nos fundamentos dos modernos estados nacionais, em particular, a Grécia Antiga e o mundo romano, seguido pelas civilizações médio-orientais (Egito, Mesopotâmia)” como afirma Funari (2003, não paginado). Os vestígios arqueológicos não eram considerados como um patrimônio, mas sim, como objetos de significativo valor econômico que constituíam coleções de grandes personalidades ou faziam parte de gabinetes de curiosidades. Quando expostos ao público, os vestígios arqueológicos apresentavam apenas informações descritivas, tipológicas ou classificativas.

De acordo com Hodder (1994, p. 171) a história da Arqueologia tradicional, ou seja, da ciência que estuda os vestígios arqueológicos, se ateve aos “processos históricos (como a difusão, imigração, convergência, divergência) e os processos adaptativos (aumento demográfico, utilização de recursos, complexidade social, comércio etc.)”.

Visto sob este aspecto o vestígio “parecia que não explicava nada que não fosse em função de migrações de povos ou supostas influências” (RENFREW; BAHN, 1993, p. 36).

A partir de 1960, Lewis Binford (1962) propõe um rigor metodológico nas pesquisas arqueológicas por meio da elaboração de hipóteses. Na década de 70, as discussões não cessaram e novas correntes começam a se constituir (FUNARI, 2005). É neste momento que os vestígios arqueológicos ganham *status* de patrimônio cultural. Porém, de acordo com Funari, Manzato e Alfonso (2010) o patrimônio foi continuamente associado às classes mais altas, de caráter imperialista e aristocrático, usualmente empregado como uma ferramenta para a opressão das pessoas.

Percebe-se, então, que os estudos arqueológicos, embora voltados para a identificação e compreensão das continuidades e mudanças dos processos culturais das sociedades nativas, nas suas mais diferentes características, raramente são considerados como fontes para a interpretação desta nação [...]. Desta forma, consolidou-se uma estratigrafia que sufocou e fossilizou os vestígios pré-coloniais, enquanto indicadores da nossa memória cultural. Esta estratigrafia do abandono é responsável pelo esquecimento das fontes arqueológicas e pela sua circunscrição no terreno das memórias exiladas (BRUNO, 1999, p. 20).

Neste sentido, “as pessoas que foram aqui encontradas, não foram vistas como semelhantes. Ao contrário, serviram, apenas, como mão-de-obra, portanto sem direito à realidade presente e muito menos em ter um passado” (BRUNO, 1999, p. 21). Sua cultura foi considerada primitiva e conseqüentemente indigna de interesse científico, tanto que, mesmo quando um vestígio arqueológico singular fosse encontrado no Brasil sua existência era considerada como produto de uma migração e nunca fruto do labor ou criatividade dos indígenas, negros ou mestiços (FUNARI, 2003; TENÓRIO, 1999).

Com a fundação do World Archaeological Congress (WAC), em 1986, ficam evidenciadas as preocupações referentes aos “direitos das populações de compartilhar nas decisões de administração dos seus sítios e herança material”, portanto, de fato, as comunidades passam a ter maior contato e autoridade sobre as questões que envolvem seu patrimônio arqueológico (FUNARI, 2001, p. 241).

Desta forma, a Arqueologia deixa de ser uma ciência neutra, positivista e distante da sociedade, para ter um claro comprometimento com todos os aspectos da vida social. Uma epistemologia pós-moderna da Arqueologia “deve levar em conta, que

qualquer entendimento acadêmico sobre o passado, deve considerar as diferentes formas de participação da arqueologia no consumo cotidiano deste passado” (FUNARI; MANZATO; ALFONSO, 2010, p. 77).

O patrimônio arqueológico não poderia mais ser encarado de modo simplista, ou seja, apenas como mero objeto funcional ou de valor estético. Mais do que isto, o legado cultural fornece informações que transcendem a condição material do objeto já que a partir dele é possível fazer uma “leitura particular, pois seu texto não é composto de palavras, mas de elementos concretos, em geral mutilados e deslocados do seu local de utilização original” (FUNARI, 1988, p. 22).

Portanto, o patrimônio arqueológico representa a materialização da memória, em outras palavras, conforme Morais (2006, p. 203) o patrimônio engloba “o conjunto de expressões materiais da cultura dos povos indígenas pré-coloniais e dos diversos segmentos da sociedade nacional” integrando-os ao patrimônio cultural para somar ao todo e que cujo “legado recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações” (UNESCO, 2011).

### **3 TURISMO E A APROXIMAÇÃO DAS CULTURAS EVIDENCIADAS NAS PRÁTICAS DE COMPARTILHAMENTO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO**

Pode-se afirmar que as mudanças ocorridas, na ciência que estuda os vestígios da presença humana, contribuíram para o compartilhamento do patrimônio arqueológico, ou seja, aqueles grupos que tiveram sua cultura ignorada ou reprimida durante séculos, agora têm a oportunidade (e o direito) de participarem da (re) construção e legitimação de sua identidade.

O compartilhamento do patrimônio arqueológico consiste em prática comum em diversos países, especialmente da Europa. Eles têm em seu patrimônio arqueológico, a chave para a compreensão do passado e legitimação dos laços entre as comunidades. Concomitante pode ser utilizado para a instrução pública recebendo apoio e recursos públicos e privados, conforme enfatiza Rahtz (1989). No Brasil, o compartilhamento do patrimônio arqueológico avança de forma lenta, mas não inexistente.

A missão de se colocar em prática o compartilhamento do patrimônio arqueológico requer tempo e o emprego de um plano de gestão que contemple ações de curto, médio e longo prazo, as quais precisam ser constantemente revisadas e devem estar embasadas impreterivelmente nas normas legais vigentes já que o patrimônio é um bem protegido por lei e seu descumprimento acarretará na aplicação de sanções penais.

No entanto, não existe uma teoria infalível nem um modelo específico universal de compartilhamento, ou seja, um padrão de preceitos e estratégias a serem seguidas, mas sim, exemplos de práticas que podem servir de orientação, sugerindo o que fazer ou não, porque cada patrimônio compartilhado apresenta uma especificidade assim como o vestígio arqueológico em questão.

Assim, após levantamento e análise bibliográfica e pesquisas *in situ*, considera-se relevante descrever alguns exemplos, estrangeiros e nacionais, de práticas de compartilhamento do patrimônio arqueológico através da atividade turística que resultaram expressivamente na aproximação das culturas. São eles: Guerreiros de Terracota (Xian, China), Catedral Saint-Pierre (Genebra, Suíça), Memorial e Museu Auschwitz-Birkenau (Auschwitz e Birkenau, Polônia), Stonehenge (Wiltshire, Inglaterra), Ruínas de Xunantunich (San Jose de Succotz, Belize), Ruínas da Igreja do Convento de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo (Lisboa, Portugal), Parque Nacional da Serra da Capivara (Piauí, Brasil) e Engenho São Jorge dos Erasmos (Santos, Brasil).

Os chineses idealizaram uma forma criativa de compartilhar seu patrimônio arqueológico, talvez, inspirados no provérbio que diz: “se Maomé não vai a montanha, a montanha vai a Maomé”, ou seja, frente à impossibilidade das pessoas irem até a China, pelo menos uma parte do seu patrimônio vai até os ocidentais. Tratam-se dos Guerreiros de Terracota ou Xian que são figuras feitas em argila cozida com expressões faciais singulares, indumentária e penteado de acordo com a patente ocupada. Estes guerreiros têm mais de dois mil anos e representam um exército em formação de combate que deveria acompanhar o imperador Qin na sua vida após morte (SUN, 2009).

Vários exemplares de guerreiros viajam pelo mundo compondo exposições, como aconteceu, na Oca do Parque Ibirapuera, em São Paulo, destacado pelo jornal Folha de São Paulo, em reportagem publicada no ano de 2003, o qual afirma que a exposição recebeu 817.782 pessoas (MOSTRA..., 2003). Na Inglaterra, em 2008, a

exposição foi exibida no Museu Britânico atraindo “mais de 850.000 pessoas e muitas outras tiveram que ser afastadas, apesar dos horários terem sido estendidos até meia-noite” de acordo com jornalista do The Times (WHITWORTH, 2008, p. 37). Na Austrália, em 2010, a exposição aconteceu na Galeria de Artes de New South Wales, em Sydney e recebeu mais de 300.000 visitantes como divulgou o jornal ABC News (TERRACOTTA..., 2010). Já no Canadá, o jornal CBC News noticiou, em Janeiro de 2011, que 355.196 pessoas visitaram o Real Ontario Museum (ROM) para ver O Imperador e seu Exército de Guerreiros Terracota da China (ROM's..., 2011).

A Catedral Saint-Pierre, localizada em Genebra (Suíça), possui uma arquitetura composta especialmente por elementos romanos e góticos. As reformas em sua estrutura, a partir de 1976, revelaram a existência de 11 diferentes construções superpostas sobre a atual catedral. A partir dos estudos arqueológicos concluiu-se que a ocupação religiosa desta área datava do século IV BP e entre os vestígios remanescentes estão às antigas paredes, pia batismal, mosaicos que retratam figuras de religiosos e cerimônias, moedas, vasilhas, entre outros (BONNET, 1987). Motivados pela existência das 11 construções superpostas, a estratégia de compartilhamento deste patrimônio precisou incorporar no seu plano de execução um grande investimento tecnológico capaz de auxiliar no processo de interpretação local, já que o interior deste patrimônio continha outros patrimônios de diferentes épocas, uns sobre os outros (MANZATO, 2006).

A história da humanidade foi marcada por atrocidades, no entanto, conhecer e aprender com os erros a fim de evitar que novas tragédias aconteçam é mais importante do que ignorar os fatos e esperar que os mesmos sejam esquecidos com o tempo. Essa é a função do Memorial e Museu Auschwitz-Birkenau, ao sul da Polônia que foi declarado Patrimônio Mundial da Humanidade em 2002. Neste campo de concentração e extermínio nazista foram assassinados cerca de 1 milhão de pessoas, entre elas judeus, ciganos e homossexuais (UNESCO, 2008). As pesquisas arqueológicas e históricas permitiram resgatar vários dos objetos pessoais dos prisioneiros, como roupas, sapatos, documentos, brinquedos, e ainda instrumentos médicos utilizados para realizar experiências nos prisioneiros. Além de abrigar esse patrimônio, o local também é utilizado para sediar Seminários e comemorações póstumas como o Dia da Memória para o Holocausto.

Na Inglaterra, a 137 km de Londres, o monumento de Stonehenge é um patrimônio arqueológico que tem 5000 anos de idade, sendo constituído por 75 pedras de arenito esculpidas que formaram um grande círculo exterior e uma configuração de ferradura de pedras no interior deste grande círculo (RICHARDS, 2005). Todos os anos as pessoas se dirigem a ele para comemorar o dia mais longo do ano, ou seja, o solstício de verão. O evento este ano atraiu aproximadamente 17 mil pessoas (BBC NEWS, 2011).

Em San Jose de Succotz (Belize), existe um antigo centro cerimonial construído pelos Maias, nos séculos VII e X – são as ruínas de Xunantunich. De acordo com Medina (2003) a iniciativa do processo de compartilhamento do patrimônio arqueológico, não partiu da comunidade, nem de seus gestores públicos porque os *succotzeños* sentiam vergonha de sua origem maia. A ação surgiu a partir do interesse demonstrado pelos turistas sobre a cultura maia, de forma que, os visitantes ocasionaram um efeito sobre as hierarquias locais e, na medida, em que os turistas demonstram interesse pela antigüidade maia, à população local se via cada vez mais incentivada a conhecer e aprender sobre seu próprio passado.

A Igreja do Convento de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo, em Lisboa (Portugal) foi fundada em 1389, por D. Nuno Álvares Pereira. Trata-se de um templo em estilo gótico, com 70 m de comprimento danificado em 1755 por um terremoto, seguido de um incêndio. Posteriormente, o local passou por intervenções de restauro e reconstrução e em 1864, foi entregue a atual Associação dos Arqueólogos Portugueses. Durante o dia o local está aberto para visitaçãoturística e pesquisas no acervo interno da biblioteca, e a noite, os vestígios remanescentes desta antiga igreja são convertidos em salões de festa, palco de teatro, enfim, espaços onde é possível a realização de eventos como casamentos, formaturas, lançamentos de DVD, entre outros (MANZATO, 2007).

Em São Raimundo Nonato (Piauí, Brasil) o Parque Nacional da Serra da Capivara (Parna-SC) tem uma área de 100 mil hectares, abriga cerca de 700 sítios arqueológicos e paleontológicos e possui “uma das maiores concentrações de pinturas rupestres do mundo aberto para visitaçãopública” (SILVEIRA, 2003). Dentre os inúmeros sítios, o do Boqueirão da Pedra Furada é o mais visitado.

O compartilhamento do patrimônio arqueológico é marcado por ações de inclusão da comunidade nas atividades turísticas, de manutenção e proteção do Parna-SC, seus sítios arqueológicos e suas pinturas rupestres. E por melhorias na qualidade de vida da população local, cuja renda *per capita* mensal corresponde a meio salário mínimo. A Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) foi responsável pelo desenvolvimento de atividades educacionais, no ensino fundamental, médio e profissionalizante. Impulsionou a criação de unidades produtivas por meio de cooperativas e favoreceu a consolidação do artesanato que atende a demanda do mercado local, nacional (Tok & Stok, Pão de Açúcar) e estrangeiro (FUMDHAM, 2011).

A aproximação entre as culturas é evidenciada através da realização de eventos, nacionais e estrangeiros, no parque como, por exemplo, o Congresso Internacional de Arte Rupestre (IFRAO) em 2009, e festivais regionais, como o Interartes de 2003 a 2005 e I Festival de Cultura Acordais ocorrido em 2010, conforme específica a FUMDHAM (2011).

O Engenho São Jorge dos Erasmos situa-se em Santos, litoral de São Paulo, em uma área de aproximadamente 4.000 m<sup>2</sup> é considerado um dos primeiros engenhos de cana-de-açúcar instalado no Brasil, no ano de 1534 (MANZATO; REJOWSKI, 2007, p. 78). O compartilhamento do patrimônio cultural arqueológico, nesta base avançada de pesquisa, cultura e extensão da Universidade de São Paulo (USP), acontece de maneira inovadora por meio de projetos permanentes, apresentações artísticas, eventos e cursos. Dentre os projetos se destacam: Vou Volta, Portas Abertas, Ruínas em Poesia, Laboratório de Memórias e I-Papo (RUÍNAS ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS, 2009).

O projeto Vou Volta baseia-se na aplicação de técnicas de educação histórico-ambiental que visam “influenciar o domínio afetivo dos visitantes, seus valores e interesses, tendo como meta final a mudança de atitudes destas pessoas com relação ao uso do bem cultural” (LOURENÇO, 2005, p. 40). A autora acrescenta ainda que esse projeto prevê “a manutenção e qualificação do espaço em questão por meio de atuações pedagógicas conjuntas entre os professores das redes de ensino municipal e estadual e os educadores das Ruínas”, ou seja, em um primeiro momento os professores das redes de educação conhecem as Ruínas anteriormente à vinda dos alunos e, em um segundo

momento, ocorre a visita dos alunos que tem uma duração de aproximadamente duas horas e meia. E finalmente, os alunos são convidados a voltarem em outras ocasiões, com seus parentes e amigos (FUNARI; MANZATO; ALFONSO, 2010).

O projeto Portas Abertas acontece no período das férias escolares e tem como objetivo facilitar a aproximação entre os pais e filhos. Nesta época além das visitas monitoradas ampliam-se as propostas de atividades lúdicas, como, por exemplo, “jogos, dinâmicas, apresentações artísticas, além de conhecer um pouco sobre a construção da identidade brasileira, com o depoimento de professores, engenheiros e historiadores. [...] exibição do documentário [...] espetáculos” (JORNAL BAIXADA SANTISTA, 2008).

Já o projeto Ruínas em Poesia tem como objetivo aproximar a comunidade uspiana (corpo docente, discente e funcionários da Universidade de São Paulo) do patrimônio remanescente do engenho e com isto sensibilizá-los “acerca da necessidade de preservação do patrimônio e a interseção existente entre bem patrimonial, história, arqueologia, e outras manifestações da sensibilidade humana como a literatura e a poesia” (RUÍNAS ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS, 2009).

O projeto Laboratório de Memórias visou registrar fragmentos de memória de moradores da comunidade circunvizinha às Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos e que tiveram como cenário de lembranças o terreno do bem cultural propriamente dito e o projeto I-Papo, destinado também ao ensino fundamental, visa atender as escolas mais distantes e os professores com dificuldades de acesso prévio ao monumento nacional, inclui um conjunto de jogos, dinâmicas e atividades que visitam durante algumas semanas as escolas (CHRISTOFOLETTI ; MELLO, 2010).

Finalmente, discorre-se sobre a realização de eventos culturais como, o Sarau da V. I. D. A. promovido pela Organização Não Governamental (ONG) V. I. D. A. durante o mês de junho de 2009. Inicialmente, neste evento gratuito, seria realizado um ciclo de cinema com temas ambientais, no entanto, o evento ganhou maiores proporções e incluiu teatro, expressão corporal, danças circulares e músicas (FUNARI; MANZATO; ALFONSO, 2010). Soma-se também a ocorrência de cursos de observação e preservação de aves, oficinas de fotografia, e a realização de novas atividades como o dia Anti-Estresse, com práticas de Tai-chi-chuan, mandala e dança circular, que foi realizado dia 30 de Julho de 2011 e a Oficina de papel com fibra de cana-de-açúcar, no dia 31 de Julho de 2011 (PORTAS..., 2011).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema “Turismo e a aproximação das culturas” designado pela Organização Mundial de Turismo, em comemoração ao dia Mundial do Turismo realizado em 27 de Setembro de 2011 foi muito oportuno porque evidenciou que atividade turística pode contribuir expressivamente para a aproximação das culturas favorecendo, entre outros, a tolerância, o respeito e a compreensão mútua.

Inúmeras são as ações que podem favorecer a aproximação das culturas por meio do Turismo. Dentre as ações, foram destacadas neste artigo, especificamente, as práticas de aproximação das culturas a partir do compartilhamento do patrimônio arqueológico, como a musealização, (re)utilização do espaço patrimonial para finalidades diversas, educação patrimonial etc.

No entanto, não existe um manual ou uma cartilha com as regras que ditem como a atividade turística pode promover a aproximação das culturas. Particularmente quanto às práticas de aproximação das culturas a partir do compartilhamento do patrimônio arqueológico, o que irá validar a proposta é o grau de inclusão da comunidade na gestão do legado deixado por seus antepassados e a condição de aproximação e participação do visitante. Os exemplos apresentados também revelam que sendo bem gerenciado e seguindo as normas legais vigentes que regem o patrimônio, tanto as ações de intervenção no próprio local em que o patrimônio foi descoberto até ações que envolvem uma logística ousada, como no caso dos Guerreiros de Xian feitos em argila, são bem-vindas para se atingir o objetivo de compartilhar o patrimônio e conseqüentemente, promover a aproximação das culturas.

#### 5 REFERÊNCIAS

ACERENZA, M. **Administración del turismo**: conceptualización y organización. 4. ed. Mexico: Trilhas, 2000.

BBC News. **Peaceful start to summer solstice**. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/england/wiltshire/5098706.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/wiltshire/5098706.stm)>. Acesso em: 01/07/2011.

BINFORD, L. Archaeology as anthropology. **American Antiquity**, v. 28, n. 2, 1962.

BONNET, C. The archaeological site of the cathedral of Saint Peter (Saint-Pierre), Geneva. **World Archaeology**, v. 18, n. 3, 1987.

BRUNO, M. C. Musealização da arqueologia: um estudo de modelos para o projeto Paranapanema. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 17. ULHT Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999.

CHRISTOFOLETTI, R; MELLO, A. M. Os projetos educativos das ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos: discussões preliminares sobre o patrimônio. **Revista Centro de Preservação Cultural (CPC)**, São Paulo, n. 10, p. 116-139, mai./out. 2010.

FUMDHAM. Fundação Museu do Homem Americano. Disponível em: <<http://www.fumdam.org.br/>>. Acesso em: 01/07/2011.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. **Os avanços da arqueologia histórica no Brasil, um balanço**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/>>. Acesso em: 16/12/2003. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Public archaeology from a Latin American perspective. **Public Archaeology**, Londres, v. 1, p. 239-243, 2001.

\_\_\_\_\_. Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica. **MNEME Revista de Humanidades**, v. 6, n. 13, 2005.

\_\_\_\_\_; MANZATO, F; ALFONSO, L. Turismo e Arqueologia no Brasil: a epistemologia pós-moderna em dois estudos de caso. In: PELEGRINI, S. C. A.; NAGABE, F; PINHEIRO, A. (Orgs.) **Turismo e Patrimônio em tempos de globalização**. Campo Mourão: Editora da FECILCAM, 2010.

HODDER, I. **Interpretación en Arqueología: corrientes actuales: Crítica**, Barcelona, 1994.

JORNAL BAIXADA SANTISTA. Engenho dos Erasmos oferece opções de lazer e entretenimento. Disponível em: <[http://santos.jornalbaixadasantista.com.br/conteudo/engenho\\_erasmos\\_2008.asp](http://santos.jornalbaixadasantista.com.br/conteudo/engenho_erasmos_2008.asp)>. Acesso em: 16/11/2009.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2001.

LOURENÇO, M. C. F. **Plataforma Sophia: um espaço vivencial**. Catálogo. 2005.

MANZATO, F. Turismo arqueológico: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, Espanha. v. 5, n. 1, 2007, p. 99-109.

\_\_\_\_\_. **Sítios Arqueológicos e Turismo: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico estrangeiro e nacional.** Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&ID=37>>. Acesso em: 05/04/2006.

\_\_\_\_\_; REJOWSKI, M. Turismo cultural: evaluación del potencial turístico de sitios arqueológicos. **Estudios y perspectivas en turismo**, Argentina, v. 16, n. 1, mar. 2007, p.72-95.

MEDINA, L. K. La comercialización cultural: el turismo y la identidad Maya. **Annals of Tourism Research en Español**, v. 5, n. 1, p. 86-103, 2003.

MORAIS, J. L. Reflexões acerca da arqueologia preventiva. In: MORI, V. H.; SOUZA, M. C.; BASTOS, R. L; GALLO, H. (Orgs.). **Patrimônio: atualizando o debate.** São Paulo: 9a SR/IPHAN, 2006.

MOSTRA da China tem público recorde. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 junho 2003. Caderno Ilustrada, p. 29.

PORTAS Abertas. Monumento Nacional Ruínas Engenho dos Erasmos. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, 2011. 1 *folder*.

RAHTZ, P. **Convite à arqueologia.** Rio de Janeiro: Imago, 1989.

RENFREW, W. C; BAHN, P. **Arqueología: teoria, métodos y práctica:** Akal, Madrid, 1993.

RICHARDS, J. **Stonehenge: guia do patrimônio inglês.** English Heritage, Reino Unido, 2005.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. O programa arqueológico do Rodoanel Metropolitano de São Paulo, trecho oeste: ciência, preservação e sustentabilidade social. In: MORI, V. H.; SOUZA, M. C.; BASTOS, R. L; GALLO, H. (Orgs.). **Patrimônio: atualizando o debate.** São Paulo: 9a SR/IPHAN, 2006.

ROM's terracotta warriors show a blockbuster. **CBC News.** Toronto. 6 jan. 2011. Arts and Entertainment. Disponível em: <<http://www.cbc.ca/news/arts/artdesign/story/2011/01/06/terracotta-warriors-rom-attendance.html>>. Acesso em: 06/07/2011.

RUÍNAS ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS. Disponível em: <<http://www.usp.br/prc/engenho/index.html>>. Acesso em: 16/11/2009.

SILVEIRA, E. Brasil perde pistas de seu passado pré-histórico. **Jornal O Estado de São Paulo.** 28/09/2003.

SUN, Z. J. Life and Afterlife in Early Imperial China. **American Journal of Archaeology.** 2009, v. 113.

TENÓRIO, M. C. (Org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

TERRACOTTA warriors, Picassos heading to Sydney. **ABC News**. Sydney, 15 oct. 2010. Disponível em: <<http://www.abc.net.au/news/stories/2010/10/14/3038261.htm>>. Acesso em: 06/07/2011.

UNESCO. **O Patrimônio**: legado do passado ao futuro. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/>>. Acesso em: 01/07/2011.

\_\_\_\_\_. **Auschwitz-Birkenau** - Campo de concentração e extermínio nazista (1940-1945). Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/31>>. Acesso em: 11/08/2008

WHITWORTH, D. Is the British Museum the greatest museum on earth? **The Times**, London, 9 jul. 2008. Arts and Entertainment, p. 37.

## AGRADECIMENTOS

Nossos sinceros agradecimentos a Margarita Barretto, Maria Cristina Bruno, Aline Vieira de Carvalho, José Luiz Morais, Mirian Rejowski e Camilo de Mello Vasconcellos. Agradecemos também o apoio institucional da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Universidade de Campinas (UNICAMP) e Universidade de São Paulo (USP). A responsabilidade pelo conteúdo deste artigo restringe-se aos autores.

Recebido em: 31-07-2011.

Aprovado em: 31-08-2011.